

A LOUCURA EM A *OBSCENA SENHORA D*

Amanda Jéssica Ferreira Moura⁴

Resumo: Utilizaremos a *Obscena Senhora D* (2001) para analisarmos um tema que permeia a literatura hilstiana: a loucura. Para fundamentarmos nossa pesquisa, recorreremos a pesquisadores da obra de Hilda Hilst, da loucura e da Análise do Discurso. Conforme afirma Maingueneau, a paratopia é “uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar”; assim, os loucos estão nessa zona paratópica, uma vez que a loucura é relegada à margem do que se compreende como normal. Nossa investigação visa demonstrar que Hilst desestabiliza esse conceito de normalidade e revela loucura e lucidez entrelaçadas.

Palavras-chave: loucura; paratopia; Hilda Hilst.

Abstract: Our work will focus on the book of prose *Obscena Senhora D* (2001) analyzing a theme that permeates the literature hilstian: the *madness*. To base our research, we will use some of the work of leading researches of *Hilda Hilst*, of madness and Discourse Analysis. As stated Maingueneau (2008), the *paratope* is "a difficult negotiation between the place and no place, a parasite location that lives its own inability to stabilize," so we can say that the freaks are in this area paratopic, once madness is relegated to the margins of what is commonly understands as normal. Our research aims to demonstrate, through excerpts from the work that Hilst destabilizes the concept of normality and she reveals lucidity and madness intertwined.

Keywords: *madness; paratope; Hilda Hilst*

Introdução

Em 21 de abril de 1930, em Jaú, nascia a paulista Hilda Hilst (filha do poeta Apolonio Hilst com Bedecilda Cardoso), que produziria uma obra de grande extensão e valor literário. Hilst formou-se em Direito na Faculdade do Largo do São Francisco, mas largou o âmbito jurídico e dedicou sua vida à literatura. Escreveu teatro, poesia e prosa de ficção.

Apesar dessa vasta produção, a escritora brasileira morreu, em 4 de fevereiro de 2004, em quase completo anonimato por parte do público leitor brasileiro. Em seu artigo *Da ficção*,

⁴ Graduanda em Letras na Universidade Federal do Ceará.

Ribeiro (1999. p. 81) aponta a “mediocridade da maioria acachapante da humanidade, que opta sempre pelo fácil” como uma das principais causas para o ostracismo literário em que se encontrou por muito tempo a obra da artista.

Esse lugar esquecido onde a literatura de Hilst habitou entra em conformidade com a vida pessoal da própria escritora, que conheceu em seus percursos o não-lugar: seja através da esquizofrenia do pai; seja porque foi chamada de louca pela crítica e pelos amigos quando afirmou crer em OVNIS e ouvir a voz de sua mãe morta ou ainda porque decidiu, aos 36 anos, mudar-se para uma chácara no interior de São Paulo a fim de afastar-se do turbilhão e movimento que era a capital. Nessa fazenda, chamada Casa do Sol, Hilda vivia na companhia de suas dezenas de cães (as informações variam entre quarenta e noventa cães).

Não é de nosso interesse, no entanto, elencar motivos pelos quais os preciosos escritos de Hilst foram deixados de lado nem analisar sua produção literária através de sua biografia pessoal. Pretendemos contribuir, ainda que de forma mínima, para que a literatura hilstiana ganhe a visibilidade que merece dentro dos cursos de Letras, das pesquisas literárias e da vida de leitores vorazes.

Fundamentação Teórica

Uma vez escolhido o conceito da paratopia para guiar nossa pesquisa, é importante que esboçemos alguma definição do termo em questão. Segundo Charadeau & Maingueneau (2008), paratopia é uma

Noção introduzida por Maingueneau (1993) para designar a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto que decorre dos discursos constituintes. É “uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar” (p. 368).

E é nessa impossibilidade de se estabilizar, nessa localização parasitária apontada pelos analistas do discurso de linha francesa, que estão os loucos. É possível observar que as pessoas designadas como loucas convivem com a problemática da não designação de um lugar determinado, pragmático, dentro da comunidade.

Segundo assinala Rocha (1996, p. 380) loucura significa “1. perda de juízo. 2. ação muito imprudente. 3. exaltação de ânimo. 4. Extravagância”. No entanto, sabemos que classificar o que é a loucura ou o que é ser louco não é tão simples como pode parecer à primeira vista.

Ao longo do tempo, o homem foi tentando buscar explicações sobre o que acontece com pessoas que se desviam do modo de pensar e agir comumente aceitos pela sociedade, e o conceito de loucura sofreu diversas transformações no decorrer das épocas e das sociedades.

Esse conceito já foi compreendido através de um modelo mítico-religioso (acreditava-se na intervenção de forças sobrenaturais na pessoa compreendida como louca), de um modelo organicista (nesse caso, a causa da loucura estaria necessariamente no corpo) e, finalmente, de um modelo psicológico.

Observando a problemática do termo e não pretendendo adentrar no complexo campo da psicologia, nosso interesse não é classificar clinicamente o que é, de fato, a loucura. Pretendemos, no entanto, partir da sentença aceita como verdade dentro da obra: segundo a vizinhança, a personagem Hillé ficou louca. Vamos nos deter nela, Senhora D, para analisar, baseando-nos na Análise do Discurso de linha francesa, o lugar (ou o não-lugar) que é relegado aos loucos.

Metodologia

Para procedermos à pesquisa, utilizamos o livro *A Obscena Senhora D* (2001), de Hilda Hilst, como objeto de estudo. Além disso, fundamentamos nossa pesquisa em teóricos da loucura, como Frayze-Pereira (1982), e em críticos da obra hilstiana, como Pécora (2010).

A Obscena Senhora D foi publicado originalmente no ano de 1982, em São Paulo, pela Editora Massao Ohno. Em 1997, a obra chegou à França publicada pela Editora Gallimard, com tradução de Maryvone Lapouge, que também traduziu *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Sobre esse livro, Pécora (2001) assinala que “Certamente está entre os grandes, mas esta é uma obra extraordinária em seu conjunto: literatura de raça mesmo.” (pp. 11-12).

Preferimos não nos arriscar em classificar a obra como romance ou novela, uma vez que, em conformidade com a literatura contemporânea, esse texto desvirtua padrões tradicionais e foge de modelos fixos literários.

Essa impossibilidade de rotular pacificamente o livro de Hilst dentro de determinados moldes relaciona-se, talvez, com o estado de paratopia da personagem principal dessa obra: Hillé. Essa investigação, no entanto, deixamos temporariamente de lado, pois demandaria mais tempo e maior aprofundamento.

Podemos dizer que o livro nos revela as reflexões de uma senhora de sessenta anos, tida como louca pela vizinhança, que decide habitar o vão da escada e importa-se apenas em compreender o sentido das coisas.

Utilizamos as palavras de Pécora (2001) na orelha do livro:

A OBSCENA SENHORA D é o relato contundente de uma inteligência radical que desaparece a conceder. Com grande economia de recursos, o texto encena a mudança de uma mulher de sessenta anos que se decide a viver num vão de escada, onde peregrina em busca do sentido das coisas escondido por um esquivo e

abscondito Menino-Porco.

Sobre a loucura, Foucault (*apud* FRAYZE-PEREIRA, 1982, p. 28) afirma que “é próprio da nossa cultura dar à doença o sentido do desvio e ao doente um status que o exclui”. Dessa forma, a personagem tida como insana é excluída do meio social, e sua doença é tratada com algo que se desviou do que é compreendido como normal.

A partir desse desvio da conduta vista como normal, tentaremos fazer um paralelo entre loucura (desvio) e paratopia (não-lugar) a fim de contribuir com mais uma leitura da obra de Hilda Hilst, que tanto se queixou da falta de conhecimento e de estudo sobre sua produção literária.

Análise

Logo na primeira parte do livro, é possível apreender a paratopia presente no texto através de Hillé. Ainda no início, o texto aponta uma pista do não-lugar em que Hillé se encontra, quando ela diz que é alguém afastada, o que equivale dizer que está à margem. No decorrer do livro, compreendemos que ela, de fato, está em situação marginal, pois se diferencia dos demais pela sua recusa em viver de acordo com o senso-comum, como a maior parte dos personagens retratados na obra, e é dada a divagações filosóficas e metafísicas.

VI-ME AFASTADA DO CENTRO de alguma coisa que não sei dar nome, nem porisso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por EHUD A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas (p. 17).

(...) eu dizia olhe espere, queria tanto te falar, não, não faz agora, EHUD, por favor, queria te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nadas do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo (p. 18).

Hillé questiona, por exemplo, a relação de Deus com o ser humano e não teme nenhuma represália divina. Fica evidente que a personagem não quer blasfemar, mas fazer perguntas e trazer problematizações para obter respostas. É óbvio que, ao longo do livro, essas respostas não são dadas. Nem a Hillé nem a nós, leitores. A escritura de Hilst nos deixa face a face com o problema. E sai de cena.

desesperada Ehad, porque todas as perdas estão aqui na Terra, e o Outro está a salvo, nas lonjuras, em el cielo, a salvo de todas as perdas e tiranias, e como é essa coisa de nos deixar a nós dentro da miséria? que amor é esse que empurra a cabeça do outro na privada e deixa a salvo pela eternidade sua própria cabeça? (p. 75).

(...) como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso?(p.38).

Ehad é o marido morto de Hillé. Antes mesmo da morte de seu esposo, a mulher muda-se para o vão da escada e põe-se a refletir.

Nessa busca pela compreensão, nessa inquietude, ela rejeita o mundo e passa a viver só. Abandona os hábitos comuns - como tomar banho e sair de casa - e passa a não ter mais relações sexuais com Ehad. Após a morte dele, ela tece divagações sobre o marido. Vida, morte, matéria, Deus, homem: tudo a inquieta.

olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo, as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? te amo, ouviu? antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D?
[...]
então estou descendo, escuta, também posso foder nesse ridículo vão de escada. Não venha, Ehad, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha, Ehad, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é o corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehad a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube (p.p. 22 e 23)

E o que quer dizer isso de Ehad não estar mais? O que significa estar morto? O traço, a fita mínima na bochecha pálida, o lustro encontrou outro rosto? Estar morto. Se Ehad Foi algum dia, continua sendo, se não Foi, NUNCA SERIA, mas antes de ser Ehad não era, e então depois Foi não sendo? [...] (p. 24).

Veza por outra, a Senhora D profere palavrões ou irrita as pessoas que passam em frente a sua casa. Daí ser chamada de louca, de obscena.

(...) a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergohada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim (p. 28).

Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouquidões, grunhidos coxos, uso a máscara de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos) respingo um molho de palavrões, torpes, eruditos, pesados como calcários alguns (...) (p. 32).

O fato de a personagem decidir largar os hábitos convencionais e ir morar no vão da escada demonstra seu estado paratópico. Ora, o vão da escada é um lugar à parte e não é usual que se habite nele. Hillé, portanto, está diferenciada dos demais não apenas no plano mental - uma vez que ficou louca, uma vez que reflete e não vive apenas para exercer atividades banais -, mas também no plano físico - pois habita o lugar que não foi feito para se habitar.

Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? você está me ouvindo Hillé? olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta? (pp. 18 e 19).

A não aceitação do pacto com o senso-comum é retratada em Hillé desde criança. Na passagem a seguir, ela está com a mãe e chora ao olhar dentro dos olhos dos animais. Certamente, há uma cadeia de reflexões que fazem a menina incomodar-se com o que é trivial à maioria. Tempos depois, Hillé olha o olho do homem e também se surpreende.

(...) e via perguntas boiando naquelas aguaduras, outras desde há muito mortas sedimentando aquele olho, e entrava no corpo do cavalo, do porco, do cachorro, segurava então minha própria cara e chorava
que foi Hillé?
o olho dos bicho, mãe
que é que tem o olho dos bicho?
o olho dos bicho é uma pergunta morta.
e depois vi o olho dos homens, fúria e pompa, e mil perguntas mortas (...), caminhei dentro do olho dos homens, um mugido de medo garras sangrentas segurando ouro,

(...) de seus peitos duros saíam palavras Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia (...)
(p.p. 30 e 31).

Como era de se esperar, as divagações da Senhora D não eram bem aceitas pelo marido Ehud, que não se acostumava com comportamento de sua esposa e tentava convencê-la a mudar

se cuidasse um pouco do teu corpo, Hillé, andas curvada
o que é corpo?
se caminhasses um pouco, por exemplo: duas vezes por dia subias e descias a pequena ladeira aqui da vila, respiravas lenta, um certo ritmo é bom quando se caminha, lembra quando caminhávamos? (p.38)

O comportamento de Hillé também não é visto com bons olhos pela vizinhança, que passa a tratá-la com escárnio e desprezo.

Podemos apreender que a tendência social é tratar como insano aquele que não pactua com as verdades comumente entendidas como absolutas. São inúmeros os casos de pessoas que tiveram suas liberdade e força de expressão cruelmente cerceadas e combatidas por serem julgadas como insanas.

Sobre esse comportamento, acreditamos que seja coerente à personagem Hillé o que Antonin Artaud, um artista francês que ficou internado em um manicômio durante nove anos, escreveu:

E o que é um autêntico louco? É um homem que preferiu enlouquecer, no sentido em que socialmente se entende a palavra, a traír uma certa idéia superior de honra humana. Eis porque a sociedade condenou ao estrangulamento em seus manicômios todos aqueles dos quais queria se livrar ou contra os quais queria se defender, pois eles haviam se recusado a acumpliciar-se com ela em certos atos de suprema sujeira. Pois o louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades (*apud* FRAYZE-PEREIRA. 1982, p. 11).

De fato, não há um interesse em escutar Hillé, pois ela representa as verdades que ninguém quer ouvir. Prefere-se falar de trivialidades, fechar os olhos para os problemas, para as buscas por respostas.

um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, Senhora D, vamos falar do homem aqui agora. que inteligentes essas pessoas, que modernas, que grande cu aceso diante dos movietones, notícias quentinhas, torpes, dois ou três modernos controlando o mundo, o ouro saindo pelos desodorizados buracos, logorréia vibrante moderníssima, que descontração, um cruzar de pernas tão à vontade diante do vídeo, alma chiii, morte chiii, falemos do aqui agora (p. 26).

Fica claro, então, que Hillé caminha na contramão do senso-comum enraizado em seus vizinhos.

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes sou como uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso, diante de minha mãe fui apenas pergunta, altaneria, paradoxo, Hillé diante do pai foi o segredo, a escuta, a concha, o que é paixão? (p.29).

Suportaria o estar viva, recortada, um contorno incompreensível repetindo a cada dia passos, palavras, o olho sobre os livros, inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem do meu século? (pp. 33 e 34).

Nesse momento, há uma inversão dos lugares pré-estabelecidos, e Hilst dá um ‘xeque-mate’ na hipocrisia social; pois se Hillé questiona sua condição no mundo, sua relação com o divino e com os homens, ela é verdadeiramente lúcida. E os vizinhos, que vivem existências banais, são os insanos porque não pensam.

(...) sabe Antonão, a vida é tão cheia de tranqueira, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gentes, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antonão, a vida fica triste (p. 41).

Mais do que estar à parte, distante do senso-comum, a Senhora D deseja essa situação de desvio. Sua desrazão representa o pacto que ela deliberadamente recusa fazer com o senso-comum. No trecho a seguir, a personagem conversa com um padre, que a aconselha a mudar de comportamento e a acatar as expectativas da vizinhança. Ela, entretanto, manda-o embora, pois ele é como todos os outros homens.

por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros?

por que o corpo está morto
e a alma?
a alma é hóspede da Terra, procura e te olha os olhos agora, e te vê cheio de
perguntas
sou um homem como outro qualquer, Senhora D
então rua rua, fora, despacha-te homem como outro qualquer (p. 32).

Ainda sobre o não-pacto, há, na última página, uma frase que parece ser da própria autora, uma vez que sua formatação está em itálico, diferente do restante do livro, e que é seguida por outra frase que também faz alusão à própria Hilst, a partir da menção ao nome de sua morada.

Livrai-me, Senhor, do abestados e dos atoleimados (p. 90).

Casa do Sol, 4 de Setembro de 1981 (*idem*).

O pedido feito a Deus soa como um arremate final contra a estupidez e bestialidade recorrentes. Parece que Hilst concorda com Hillé sobre o não-pacto com o senso-comum.

Conclusão

Levando em consideração que há uma persistência do tema em questão na literatura de Hilst - que em 2002 declarou: “A loucura une toda a minha obra” – resolvemos nos dedicar a um estudo que contemplasse a importância da desrazão, se é que podemos chamar assim, na obra hilstiana.

Acreditamos em Becker (*apud* PÉCORA, 2010, p. 80) - a quem Hilst dedicou vários de seus livros e por quem afirmou sentir “incontida veemente apaixonada admiração” - quando afirma que cabe “considerar toda a perversão como um protesto contra a subjugação da individualidade pela padronização da espécie”.

Dessa forma, compreende-se que tudo o que é julgado pelos vizinhos como obscenidade ou loucura (e aí incluímos os palavrões que Hillé profere aos transeuntes, a

escolhida solidão e a falta de interesse por hábitos que permeiam a vida de todos, como a higienização) representa a perversão como uma forma de protesto encontrada por Hillé, que caminha na contramão da padronização causada pelo senso comum.

Pécora (2010), também apoiado em Becker, afirma que boa parte da literatura de Hilst é obscena. No entanto, é necessário compreendermos essa obscenidade como uma forma de protesto da própria autora para com os padrões sociais vigentes.

Afinal, conforme a própria autora afirma,

Sujo, obsceno, porco é saber que o País tem 40 milhões de analfabetos, 9 milhões de crianças desamparadas, 9 milhões de bóias-frias. Quando se é verdadeiramente lúcido, a vida pode ser uma experiência verdadeiramente obscena (apud PÉCORA, 2010, p.91).

A negação de Hilst frente à subjugação da individualidade, através de laivos de perversão, loucura ou obscenidade, é, talvez, o que move tantas polêmicas em torno de sua literatura (tomemos *O Caderno Rosa de Lori Lamby* como exemplo, pois causou grande desconforto literário quando foi lançado, em 1990).

Pensamos, no entanto, que o brilhantismo da obra hilstiana provém exatamente dessa radicalidade em romper padrões que já estavam tranquilamente estabelecidos. E concordamos com Queiroz (2000, p. 29), que sabiamente afirma: “Não há criação nem literatura em Hilda Hilst fora do exercício da radicalidade”.

REFERÊNCIAS

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Número 8. Instituto Moreira Salles, 1999.

Semestral. ISSN 1413-652x

CHARADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do*

Discurso. 2 ed. 3 reimpressão. São Paulo, Contexto, 2008.

FRAYZE-PEREIRA, João A. O que é loucura. 1 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

HILST, Hilda. *A Obscena senhora D*. 1 ed. São Paulo, Globo, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

PÉCORA, Alcir. *Porque ler Hilda Hilst*. São Paulo, Globo, 2010.

QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Editora Mulheres, 2000.

QUEIROZ, Vera. *Pactos do viver e do escrever*. Fortaleza, 7Sóis Editora, 2004.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. 10 ed. São Paulo, Scipione, 1996.